



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

## AS CONCEPÇÕES DE NATUREZA E DE RELAÇÃO SOCIEDADE-NATUREZA NO PENSAMENTO DE MONTEIRO LOBATO

Heluane Aparecida Lemos de Souza<sup>1</sup>  
Rosa Maria Feiteiro Cavalari<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo busca identificar as concepções de natureza e de relação sociedade-natureza presentes no pensamento do escritor brasileiro Monteiro Lobato. Por meio de “pesquisa documental” foram identificadas predominantemente as concepções romântica e utilitarista da natureza, além de referências ao homem como destruidor e ser não pertencente à natureza, e a legitimação de seu direito de exploração dos elementos naturais. Outra questão abordada é a maneira pela qual estas concepções, coexistentes no pensamento lobatiano, revelam-se ao tratar-se sobre o desenvolvimento brasileiro, causa defendida por Lobato, principalmente por meio das campanhas pela exploração do petróleo e ferro nacionais. Percebeu-se que, ao considerar-se esta questão, a concepção predominante é a utilitarista, defendendo-se a exploração dos recursos para a riqueza nacional. Foram identificadas contradições nos posicionamentos de Monteiro Lobato, motivadas seja por aspectos emocionais seja pela influência do momento histórico vivido pelo escritor. Possivelmente, as concepções identificadas na obra lobatiana refletem as concepções hegemônicas no momento histórico de sua produção, assim como influenciariam seus leitores na constituição de suas concepções de natureza e na maneira como estes estabeleceriam sua relação com o meio natural.

**Palavras-chave:** Monteiro Lobato; Concepções de Natureza; Relação Sociedade-Natureza

### ABSTRACT

The present article search to identify to the conceptions of nature and of relation society-nature existent in the thought of the Brazilian writer Monteiro Lobato. By means of “documental research” to identify predominance of the conceptions romantic and utilitarian of the nature, as well as references to the man as annihilating and to

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia/ Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP - *campus* de Rio Claro- SP- Brasil/ helu\_souza@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Núcleo Temático Educação Ambiental, do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP - *campus* de Rio Claro- SP- Brasil. / rosamfc@rc.unesp.br

be not pertaining to the nature, and the legitimation is the way as these conceptions, coexistent in the Lobato's thought, show treating itself to it on the Brazilian development, cause defined for Lobato, mainly by means of the campaigns for the exploration of the national oil and iron. It was perceived that, when considering itself this question, the predominant conception is the utilitarian, defending itself exploration of the resources for the national wealth. Contradictions in the Lobato's positionings had been identified, motivated either for emotional aspects either for the influence of the historical moment lived by the writer. Possibly, the conceptions identified in the Lobato's production reflect the hegemonic conceptions at the historical moment of its production, as well as would influence its readers in the constitution of their conceptions of nature e in the way as these they would establish its relation with not human the natural environment.

**Keywords:** Monteiro Lobato; Conceptions of Nature; Society-Nature relation

## 1. Introdução

Um olhar atento às produções do meio acadêmico, ou até mesmo aos temas freqüentes nos mais diversos meios de comunicação, tais como aquecimento global, desmatamento, desenvolvimento sustentável, escassez de recursos hídricos, entre outros, revela a crescente preocupação com os problemas ambientais, resultantes das relações instituídas entre sociedade e natureza. A temática ambiental, nos dias atuais, tornou-se alvo, inclusive, do *marketing* de grandes empresas que, utilizando-se do discurso da “preservação da natureza”, garantem destaque no mercado.

Segundo Gonçalves (1998) o conceito de natureza não é algo natural, mas sim cultural, sendo que cada sociedade, consideradas dimensões de tempo e espaço, institui seu próprio conceito, e a partir dele estabelece relações com o meio natural.

A história das relações sociedade-natureza revela aproximações e oposições, cujo conhecimento é fundamental para a compreensão de nossas reflexões e práticas contemporâneas, assim como para a transformação das mesmas. De acordo com Bornheim (1985) “a questão toda se concentra, portanto, no modo como a natureza se faz presente para o homem; ou melhor: no modo como o homem torna a natureza presente” (p.18).

Segundo Duarte (2005) “por intermédio do estudo da história, é possível perceber que não há uma única atitude das sociedades humanas em relação ao meio natural” (p.75). Desta forma, é incorreto afirmar a existência de uma essência humana imutável, considerando que o homem fora ao longo da história, apenas destruidor ou amante da natureza, em extremos. Como afirma a autora “não há essência humana, não há um único homem: antes, o ser humano se construiu, historicamente, de muitas maneiras” (p.76).

Hoje, o debate a respeito da temática ambiental permanece um campo permeado por diversas concepções e ideais de relação sociedade – natureza, surgidas das diferentes maneiras de pensar e posicionar-se frente ao mundo. Os problemas surgidos pela postura de oposição entre homem – natureza, a chamada crise ambiental, aponta para a necessidade de se repensar

essa relação, destacando o modo de vida contemporâneo como acentuação dos ideais nascidos com a modernidade.

É necessária a superação da dicotomia homem e meio ambiente, deixando de considerar o ambiental como o outro cujo encontro nos causa estranheza e desequilíbrio (BORNHEIM, 2001), e compreender que “natureza e humanos, bem como a sociedade e o ambiente, estabelecem uma relação de mútua interação e co-pertença, formando um único mundo” (CARVALHO, I., 2004, p. 36).

Partindo-se da perspectiva de que as concepções de natureza são histórica e culturalmente construídas, e que a partir delas o homem estabelece relações distintas com o meio natural e os demais seres vivos, pode-se afirmar que as produções culturais refletem estas concepções diversas, que se materializam em obras literárias, plásticas, e demais criações artísticas.

No início do século XX, Monteiro Lobato, importante escritor brasileiro, engajou-se na discussão de questões que hoje denominamos ambientais, questões estas que se revelariam cada vez mais presentes nos debates da sociedade civil só a partir dos anos 1960.

Monteiro Lobato, nascido em Taubaté-SP, influente personalidade e escritor notável, viveu entre 1882 e 1948. Como escritor, destacou-se pela inauguração da literatura infantil brasileira, apresentando ao imaginário de nossas crianças o mundo de faz-de-conta do *Sítio do Picapau Amarelo*.

De acordo com seus biógrafos, Lobato foi um intelectual extremamente crítico sobre as mais diversas questões de sua época, seja no campo social, político, econômico ou cultural; revelou-se um homem nacionalista sem, no entanto, ignorar os problemas de seu país. Lutou pelo progresso brasileiro e envolveu-se nas campanhas a favor da exploração do petróleo, do ferro, e revolucionou o campo editorial no país. Colaborou durante muitos anos em jornais e revistas com seus artigos foi tradutor de diversas obras literárias e grande empresário. (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001).

Lobato era múltiplos *Lobatos*. Esta multiplicidade refere-se não apenas às questões de naturezas diversas com as quais se envolveu ao longo de sua vida, como também aos variados posicionamentos do autor diante delas, apontados, em alguns casos, como contraditórios.

Ao referir-se ao livro *A Barca de Gleyre*, Antônio Cândido escreve:

É preciso [...] ler este livro para compreender o Sr. Monteiro Lobato, no dinamismo da sua vida literária – homem complexo e instável, muito moderno para ser passadista, muito ligado à tradição literária para ser modernista, ponto de encontro de duas épocas e duas mentalidades, símbolo de transição da nossa literatura,

exemplo de labor intelectual e de consciência literária. (CÂNDIDO *apud* CAVALHEIRO, p.49-50).

E é este homem complexo, de posicionamentos tão diversos, intensos e contraditórios, que poderá ser percebido em suas obras, inclusive no tocante às questões relativas à natureza e as relações sociedade-natureza.

Assim sendo, pretende-se neste artigo analisar o pensamento de Monteiro Lobato no que se refere a sua concepção de natureza e de relação sociedade-natureza buscando responder as seguintes questões: quais concepções de natureza bem como de relação sociedade-natureza podem ser identificadas no pensamento de Lobato? Essas concepções podem estar relacionadas com seu ideário de desenvolvimento nacional?

A pesquisa realizada que pode ser caracterizada como “pesquisa documental” teve como *corpus* documental obras literárias de autoria de Monteiro Lobato, tanto a obra adulta quanto a infantil, assim como produções do autor no campo jornalístico, correspondências e demais documentos que revelaram contribuições pertinentes aos objetivos do presente estudo.

A partir da análise realizada pode-se perceber que as concepções de natureza identificadas nas obras lobatianas são contraditórias entre si. Em alguns momentos revela o Lobato profundamente afetado pelo senso estético, para quem o belo e harmonioso conjunto da natureza não deve ser alterado pelo homem, tamanha sua perfeição e organização. Em outros, aparece o Lobato que vê a natureza como fonte de recursos a serem utilizados, algo que deve ser conhecido e receber as modificações humanas, tanto para um aprimoramento em benefício do natural, como para o próprio ser humano. Assim sendo, a partir das análises realizadas, identificou-se nas obras lobatianas, predominantemente, as concepções utilitarista e romântica da natureza.

Cumpr-se destacar que, apesar de aterm-se a objetos de pesquisa distintos ao nosso, diversas investigações foram realizadas acerca de “concepções de natureza”. Dentre elas, os trabalhos de Argenton e Cavalari (2001), Cavalari, Campos, e Carvalho, L. (2001), Cavalari (2007) e Crupi (2008), considerando-se aqui os estudos aos quais tivemos a possibilidade de acesso e que auxiliaram nas reflexões da presente pesquisa.

Da mesma forma, pode-se citar pesquisadores cujas investigações ativeram-se a temáticas próximas às aqui discutidas, e que ofereceram importantes subsídios para nosso trabalho, a saber: Azevedo; Camargos e Sacchetta (2001), Merz ([19--]), Godoy (2001), Carvalho, F. (1994), Fensterseifer (2005), Dantas (1982) e Marinho (1982). Alguns desses

autores chegam a aproximar os pensamentos e práticas de Monteiro Lobato a expressões como “ecologistas”, “movimento ecológico”, “luta pela ecologia”, “pensador ecológico”.

## **2. A dimensão estética, a sabedoria e a superioridade do natural: uma concepção romântica/idílica**

São recorrentes na obra de Monteiro Lobato passagens que revelem uma concepção romântica da natureza. Por esta entende-se, de acordo com Carvalho, I. (2002), uma visão que valorize o meio natural, a natureza selvagem, em detrimento do que é humano, urbano. O natural, sem as interferências humanas, é tomado como ideal estético e moral, sendo adjetivado como algo harmonioso. Partindo-se desta valorização, a interferência humana e a apropriação utilitária da natureza passam, então, a ser largamente criticadas.

Diversas são as descrições do meio natural na obra lobatiana exaltando sua beleza. Na obra *Urupês* (1966), em texto homônimo, diante da beleza provocadora de êxtase em quem sabe apreciá-la, surge o humano que lhe está alheio; mais especificamente o caboclo morador da roça a quem Lobato dirigiu largas críticas em sua literatura. Pode-se notar como o caboclo destoa de toda a beleza e toda a vida que a rica natureza emana “é o sombrio urupê de pau podre”(p.292) que “no meio de tanta vida, não vive...”(p.292).

Outras características da concepção romântica da natureza é a atribuição ao natural de *harmonia, sabedoria, racionalidade, lógica, e equilíbrio*, adjetivos que buscam demonstrar um todo de perfeita funcionalidade, cuja presença humana interfere de modo negativo. Todas estas características podem ser encontradas em diferentes excertos da obra lobatiana.

No que diz respeito à *sabedoria* inerente à natureza, um bom exemplo pode ser retirado de *A Reforma da Natureza* (1967), “a obra da Natureza é muito sábia” (p.63).

Importante atentar para a maneira como essa *sabedoria* é apresentada em determinado momento do texto: a natureza como obra sábia diante da qual nós humanos somos hierarquicamente inferiores e, por isso, indignos de interferência. “Quem somos nós” (p.63), que direito, sabedoria, ou destreza possuímos para modificar algo que, legitimado por um longo período histórico, desenvolveu-se de tal forma que qualquer intervenção poderia perturbar a perfeição e resultar em danos?

Entendendo-se que ao racional seja inerente à *lógica*, uma concepção de natureza exatamente dotada dessa capacidade é apresentada por Lobato em *Justiça e Lógica*, de *Mundo da Lua e Miscelânea*:

A ideia de justiça é criação puramente humana. Na natureza não ha justiça, ha logica. A natureza não é boa nem má, justa ou injusta: é logica. Vai ao fim cegamente colimado através de todos os obices – e vai sempre pelo caminho mais curto. A linha curva é invenção humana. Fóra do homem, ha o ponto de partida, o ponto de chegada e a reta que os une. (LOBATO, M., 1956g, p.36-37)

Outro aspecto da concepção romântica de natureza presente na obra lobatiana é a “natureza como modelo”. São constantes as referências à organização das abelhas e das formigas, insetos sociais possuidores de uma sociedade ideal que, se copiada, promoveria a felicidade e a solução dos problemas humanos. No capítulo *A rainha*, da obra *Reinações de Narizinho*, o reino das abelhas é tido como modelo de organização superior à organização dos homens. São as abelhas exemplos de “ordem, economia e inteligência” (LOBATO, M. 2003, p.39), em uma auto gestão que conduz a felicidade verdadeira.

Diversos são também os exemplos na obra de Monteiro Lobato nos quais a natureza, o natural, é colocado como superior ao cultural, ao instituído pelo homem, ao artificial. No conto *Negros*, do livro *Negrinha*, as criações humanas para organização social, os elementos chamados culturais e civilizadores, são criticados e colocados em oposição à uma condução ingênua e superior da natureza, prejudicada pela cultura:

A sociedade, as leis, os governos, as religiões, os juizes, as morais, tudo que é força social organizada presta mão forte á Estupidez Onipotente.  
E assanha-se em punir, em torturar o ingenuo que, conduzido pela natureza, arrosta com os mandamentos da megera. (LOBATO, M., 1956h, p.100)

Destaca-se a referência de Lobato, “Estupidez Onipotente”, para a organização social e o que o viver em sociedade implica, afastando o homem do natural em um processo que lhe causa sofrimento, “pune”, “tortura”.

É possível encontrar na obra lobatiana referências à superioridade do instinto, em detrimento da inteligência humana, outra contradição identificada nos posicionamentos do autor. Em algumas passagens, como esta que está presente no 2º tomo de *A Barca de Gleyre*, Lobato apresenta esse estado natural do humano, o instintivo, como ideal:

As moscas! Vejo que são fontes de inspiração. Tens que ler o Fabre nos *Souvenirs Entomologiques* e admirarás a mosca e todos os bichinhos. Que maravilha o mundo superior do Instinto! Às vezes penso que a Inteligencia não passa de fase rudimentar do instinto – fase em que o instinto em formação ainda vacila, escolhe e erra. Sobre o assunto mandei um artigo para *La Nación*, que receberás quando sair. (LOBATO, M., 1956a, p.257)

Refere-se, portanto, à superioridade do instinto e, conseqüentemente, dos animais, considerando a inteligência um estado rudimentar do instinto.

### **3. A natureza serve para quê? – Conhecer para dominar: uma concepção utilitarista**

Contrariamente à visão romântica, a concepção utilitarista, fortemente marcada pelos ideais da modernidade, prioriza como mostra CARVALHO, I. (2002), o civilizado, o cultural, em oposição ao natural, que se revela sinônimo do rústico, selvagem, e, portanto, com a necessidade de ser domado. Partindo-se então de uma visão antropocêntrica, as classificações da natureza decorrem da utilidade que seus elementos possam apresentar ao homem.

Nesta concepção de natureza, marcada pela dicotomia sociedade-natureza, esta assume o papel de objeto a ser conhecido, para então ser dominado e utilizado de acordo com as necessidades humanas. Para Crupi (2008), em uma concepção utilitarista a natureza predomina como recurso natural, destinada à subsistência ou explorada por atividades lucrativas.

Iniciando a discussão acerca da concepção utilitarista pelo proposto no livro *A Reforma da Natureza*, pode-se considerar que, nesta obra, apesar de a proposta central parecer girar sobre a interferência prejudicial do homem na natureza ordenada, perfeita e harmoniosa, em alguns momentos Lobato parece render-se aos benefícios de algumas alterações.

Uma das reformas citadas, a relativa às moscas, demonstra a visão antropocêntrica que guia as modificações propostas, na qual inclusive atribui-se ao inseto o adjetivo “inútil” e “incômodo”:

- E as môscas? - perguntou a Rã.
- E as môscas - respondeu Emília - vão ficar sem asas, porque são uns bichinhos inúteis e incômodos. Sem asas terão de andar pela terra, como as formigas, e num instante as formigas dão cabo de tôdas. Para que môscas no mundo? Suprimindo as asas, liquidaremos com as môscas. (LOBATO, M., 1967, p.35-36)

Como apontado por Godoy (2001), as criações resultantes da reforma na natureza executada pelas personagens Emília e Rãzinha visavam “a praticidade imediata que satisfaça as suas necessidades” (p.03).

A consideração da existência de leis na natureza, regulares e previsíveis, que segundo o projeto da modernidade deveriam ser conhecidas para serem previstas e dominadas, também aparece na obra lobatiana. No capítulo *A floresta*, de *O saci* ([19--]b), a necessidade de conhecer a natureza, desvendar-lhe estas leis e seus mistérios para, então, apropriar-se dela e dominá-la, aparece no diálogo entre Pedrinho e o Saci.

A natureza, quando desconhecida, é perigosa. Ela é um livro que precisa ser interpretado, sendo, no entanto, que esta interpretação não é facilmente realizada por aquele que vive na cidade. Para compreendê-la é necessário estudo, tempo e “muita observação” (p.214). Ou seja, o homem, com seus conhecimentos, pode ler a natureza. Poderíamos inferir que a mensagem aqui expressa é a de que a natureza necessitaria ser conhecida para ser então dominada, sendo a ciência humana quem lhe conferiria tal poder?

Na obra lobatiana também pode ser percebida a imposição de uma ordem humana ao natural, de regularidade e simetria. Sobre este assunto, Thomas (2001a) escreve:

Esmero, simetria e padrões formais sempre foram a maneira caracteristicamente humana de indicar a separação entre cultura e natureza. Mas a tendência para o cultivo uniforme parece, no mínimo, ter aumentado no início do período moderno. [...] (THOMAS, 2001a, p.304-305)

Em *A violeta orgulhosa*, primeiramente, atribui-se às zínias, um tipo particular de flor, certa racionalidade, onde qualquer imperfeição provém de um erro, já que sua constituição resulta de uma ação consciente. Narizinho, ser humano, classifica-a, então, de inferior, guiada por um senso estético que cobra regularidade, ordem e perfeição. Assim, Visconde intervém disposto a manipulá-las e torná-las satisfatórias para o julgamento humano, afirmando “discipliná-las”. Nota-se que, esta modificação, passa pela “metodologia científica”; é o conhecimento científico que permite ao homem esta intervenção para alterar a natureza a seu favor:

O canteiro do Visconde era apenas experimental, coisa mesmo de sábio. Tempo houve em que só havia ali zínias – a *Zinnia elegans*, a menos elegante de todas as flores.

- São umas perfeitas tontas! – havia dito certa vez Narizinho. Nunca acertam a mão, nem na forma, nem na cor. A cor das zínias é sempre atrapalhada.

[...]“Botar pétalas aqui, veja que asneira! Não é lugar de pétalas, e sim dos estames e pistilos, como o Visconde já me explicou. Estas porcariazinhas de pétalas nasceram aqui por engano, por erro da flor. As zínias erram muito, tal qual meninos vadios que nunca sabem a lição. [...] Foi por causa dessas críticas de Narizinho que o Visconde resolveu encher o seu canteiro só daquela flor, para estudá-las e aperfeiçoá-las por meio da seleção e fixação das qualidades. “Hei de disciplinar estas boêmias tontas” – dizia o sabuguinho científico.(LOBATO,M., 1982, p.14-15)

Da visão antropocêntrica da natureza resulta outra atitude humana: atribuir aos demais seres vivos características antropomórficas. Exemplos de antropomorfismo podem ser encontrados em diversas obras. Em excerto de *Negros*, do livro *Negrinha*, os animais ganham a capacidade de amar. Na voz da personagem, os periquitos realizam ações intencionais; são, também, exemplos de amor e cumplicidade que nem entre os homens se observa:

- [...] Mas amaré ele a alguém?
- Pois de certo. Quem não ama neste mundo? Os passarinhos, as borboletas, as vespas...
- [...]
- Dizem que se querem tanto, os periquitos, que quando um morre o companheiro se mata. Tio Adão teve um assim, que se afogou numa pocinha d'água no dia em que a periquita morreu. Só entre os passaros ha coisas dessas... (LOBATO, M., 1956h, p.90-91)

O antropomorfismo é recorrente em obras infantis, apresentando-se como um recurso literário, podendo-se encontrar, portanto, referências diversas aos personagens animais ou vegetais que ganham vida e passam a agir e sentir como os humanos.

#### **4. A relação sociedade-natureza**

As relações sociedade-natureza demonstradas por Lobato em suas obras novamente mostram-se, muitas vezes, contraditórias, e podem ser compreendidas como decorrentes do momento pessoal vivido pelo autor: nota-se que, em períodos de maior envolvimento com questões do desenvolvimento nacional, como a do ferro e do petróleo, o discurso lobatiano carrega-se de maior defesa à exploração dos recursos naturais. Influenciado por uma visão mais romântica da natureza, crítica, então, a intervenção destrutiva e perturbadora da ordem natural.

##### **4.1 Sociedade: afastamento e destruição da natureza**

Em diversos momentos da obra lobatiana, seja na obra adulta ou infantil, a sociedade estabelece com a natureza relação destrutiva, seja da fauna ou da flora. Homem e natureza são apresentados como opostos, em um discurso em que o humano não é apenas um ser alheio, afastado do natural pela civilização e pela cultura, mas um ser do qual a natureza se beneficiaria imensamente se não existisse. Em um todo perfeito e harmonioso que é a natureza, o homem destoa, “estraga” essa perfeição.

Uma outra decorrência desta relação conflituosa entre sociedade e natureza Lobato retrata no afastamento do homem do meio natural. Em *Filosofias*, de *Mundo da Lua* (1956g), expõe como o homem afasta-se da natureza e de suas leis. O progresso decorreria da aversão humana à natureza. Os seres evoluem em harmonia com as leis naturais, exceto o homem, cujas leis humanas são exceções desta primeira lei.

O progresso, neste texto, é visto como decorrência de enfermidade, uma ilusão que o leva erroneamente a acreditar que “o progresso é movimento rumo à perfeição” (p.38), o que Lobato desmente por meio de idéias de Platão e Spencer: a perfeição esperada é apenas um ideal, que não é alcançado na realidade, e a significação do progresso é apenas “complicação” (p.38):

Esse afastamento do homem da natureza, que se caracteriza por medo exacerbado, “o homem é naturofobo” (p.37), que o coloca em uma situação de superioridade, lhe confere posse, transforma-o em construtor, criador e sábio, lhe provoca, igualmente, algumas perdas, carregadas de nostalgia: perda de qualidade de vida, perda da vida em seu estado natural. Contra este mal estar, o homem usaria o sentimento de esperança.

Aqui, Lobato contradiz as idéias expostas em alguns de seus escritos, ao colocar o progresso de forma negativa, afastando e, curiosamente, não garantindo um futuro harmonioso e perfeito.

No entanto, o autor aponta a ciência como aquela que permitirá a solução dos problemas trazidos pelo afastamento do homem da natureza, mais especificamente, das moléstias que o atacam e o impedem de desenvolver-se: “a ciencia dá-nos elementos para modificar este estado de coisas de modo a permitir á vida humana na zona dos tropicos um surto paralelo ao das outras formas de vida” (LOBATO,M., 1956f, p.326)

No conto, *Era no paraíso...* (texto no qual Lobato desenvolve mais detalhadamente as idéias apresentadas em *Errare*), o paraíso criado por Deus revelava uma vida harmoniosa. O criador incutiu em cada criatura um “Código Ingênito” (instinto), que possibilitava “que ao nascer já viessem ricas da sabedoria infusa e agissem automaticamente de acordo com os imutaveis preceitos da lei natural” (1956d, p.198). Certo dia, porém, um chimpanzé que desfrutava desta ordem perfeita, igualmente aos outros seres, sofre uma queda e lesiona-se gravemente. Segundo Jeová:

[...] A lesão do cerebro do meu macaco põe-no á margem da minha Lei Natural e fa-lo-á discrepar da harmonia estabelecida. Nascerá nele uma *doença*, que seus descendentes, cheios de orgulho, chamarão inteligência – e que, ai deles! Lhes será funestissima. Esse mal, oriundo da Queda, transmitir-se-á de pais a filhos – e crescerá sempre, e terrivelmente influirá sobre a terra, modificando-lhe a superficie de maneira muito curiosa. [...] (LOBATO, 1956g, p.204, grifo do autor)

E prosseguindo,

- Essa inteligência apurará aos extremos a crueldade, a astúcia e a estupidez. Por meio da astúcia se farão eles engenhosos, porque o engenho não passa da astúcia aplicada á mecânica. E á força de engenho submeterão todos os outros animais, e edificarão cidades, e esfuracarão montanhas, e rasgarão istmos, destruirão florestas, captarão fluidos ambientes, domesticarão as ondas hertzianas, descobrirão os raios cósmicos, devassarão o fundo dos mares, roerão as entranhas da terra... (LOBATO, M., 1956g, p.205)

Neste conto fica clara a inteligência humana como não apenas o afastamento da ordem natural e a apresentação do homem alheio à natureza, como também a grande responsável pelas descobertas que ele fez e pela destruição e exploração do meio que ele realiza.

O posicionamento de Lobato a respeito da destruição da natureza causada pelo homem, de seu afastamento do natural, ganha maior agressividade e radicalismo em alguns excertos em que aparentemente, o ideal seria um mundo sem a espécie humana, a grande perturbadora da ordem da natureza. É o caso de *Um romancista argentino*, texto de *Idéias de Jeca Tatu*. Ao comentar uma obra de Manoel Galvez, romancista argentino expõe:

Porque a vida evolue, mas não melhora. O homem é uma doença da Natureza – e a pior de todas porque é uma doença inteligente. Teima em superpor á natureza a sua vontade e é, cada vez mais, um conflicto lamentavel de duas evoluções contrarias, a natural e a humana. (LOBATO, M., 1956e, p.208)

O homem é apresentado como “doença da Natureza”, um ser prejudicial e que não a integra. Critica-se a tentativa de se impor a vontade humana diante da natureza, e ocorre um conflito entre duas evoluções que são dadas como opostas: a natural e a humana.

#### **4.2 Natureza: conhecê-la para dominá-la e explorá-la**

O autor apresentado no item anterior, acusador do homem como destruidor da natureza, que valoriza a proximidade ao que é natural, repelindo a civilidade como aquela que afasta o homem da perfeição, posiciona-se aqui de maneira oposta.

Em alguns excertos de sua obra é possível perceber Monteiro Lobato apresentando o progresso humano como algo que positivamente decorre da inteligência e capacidade de inventar do homem. A ciência, grande resolutora dos problemas, permite que o homem não apenas vença as adversidades impostas pela natureza, mas que a domine e explore seus recursos, em benefício de sua espécie de maneira a garantir-lhe o progresso.

Esta relação, em que o homem interfere na ordem natural das coisas, alterando o espaço, modificando a natureza, trabalhando a terra para torná-la útil, pode ser vista no conto

*O drama da geada*, obra *Negrinha* (1956h). Essa interferência, em que o natural é substituído pela necessidade de construção humana, é vista como uma luta, como revela a expressão “mas venci” (p.21), presente no texto.

São diversos os excertos nos quais aparecem mais diretamente uma relação de exploração e utilização dos recursos naturais. Em *De São Paulo a Cuiabá*, do livro *Miscelânea*, Lobato afirma que “pegar o que tem valor comercial e está ‘in natura’ na superfície da terra constitui o primeiro impulso duma civilização – e esse péga-péga traz em seus inícios uma febre aguda” (1956g, p.257).

No capítulo X de *América* merece destaque o momento em que Lobato apresenta a questão da dominação da natureza pelo homem garantida pela criação da máquina, citando desde a extração de sua matéria-prima até a extração da sua fonte de energia, e a possibilidade que isso lhe dá de mobilizar e explorar as reservas naturais. Isso permite entrever certo domínio do meio, resultando em uma visão utilitarista dos recursos naturais:

- Medite e entenderá. Do oxido de ferro o saudavel homem daqui tira o aço. Com o aço cria a maquina, isto é, a astuciosa maneira de multiplicar tremendamente a força do musculo, ou substitui-lo no trabalho. Depois, por meio da hulha e do petroleo – formas de carbono – produz a combustão que desenvolve a energia mecanica com a qual move a maquina. Deste modo domina a natureza, mobiliza-lhe as reservas ocultas no seio da terra e transforma-as em utilidades – em riqueza. (LOBATO, M., 1956c, p.88)

Segundo Lobato, é graças à inteligência e sua capacidade inventiva que o homem teria sido capaz de ampliar sua eficiência e progredir dominando a natureza a seu favor. É possível entrever em alguns excertos as idéias típicas da modernidade a respeito da dominação da natureza, nas quais o conhecimento e a Ciência possibilitam a exploração dos recursos a favor do homem, assim como o auxiliam a vencer os obstáculos naturais.

No capítulo *Comichões científicas*, de *Serões de Dona Benta*, Lobato declara:

No começo o homem era um pobre bípede que valia tanto como os quadrúpedes de hoje. Vivia como todos os animais, nu em pêlo, morando só nos lugares de bom clima, onde houvesse abundância de frutas silvestres e caça. Um animal como outro qualquer. Mas a inteligência que foi nascendo nele fez que começasse a observar os fenômenos da natureza e a tirar conclusões. O homem teve a idéia de plantar, e com isso criou a agricultura. Teve a idéia de inventar armas, o arco e a flecha, o machado de pedra, o tacape, e com isso aumentou a eficiência dos seus músculos. Um dia descobriu o fogo e o meio de conservá-lo sempre aceso – e disso nasceu um colosso de coisas, entre elas o preparo dos metais. Com o fogo derretia certas rochas e tirava uma coisa preciosa, diferente da pedra – o ferro, o cobre, os

metais, em suma. E com esses metais obtinha machados muito melhores que os feitos de pedra.

Também aprendeu a domesticar certos animais, de que se servia para a alimentação ou para ajudá-lo no trabalho. E a inteligência do homem, de tanto observar os fenômenos, foi criando a ciência, que é o modo de compreender os fenômenos, de lidar com eles e produzi-los quando se quer. E o homem tanto fez que chegou ao estado em que se acha hoje – dono da terra, dominador da natureza, rei dos animais. (LOBATO, M.,[19--]c, p.1743)

Como se pode ver, a inteligência humana permitiu ao homem diferenciar-se dos demais animais, realizar descobertas, desenvolver-se, criar a Ciência, relacionar-se com os elementos da natureza. O desenvolvimento da ciência proporcionaria não apenas a compreensão dos fenômenos naturais, como também a dominação destes e a sua utilização a favor do homem. O homem pode, então, tornar-se “o dono da terra, dominador da natureza, rei dos animais.” Curioso que Lobato apresenta sem críticas o homem em uma posição que em outrora criticara: como dominador e rei da natureza.

Esta valorização da inteligência humana é outra questão que consideramos contraditória na obra lobatiana, dado seu posicionamento a favor do instinto em detrimento da razão humana, já apresentado anteriormente neste artigo.

## **5. Desenvolver ou preservar? A questão do desenvolvimento nacional no pensamento de Monteiro Lobato**

Diante do que foi apresentado a respeito de Monteiro Lobato, seu desejo e empenho para conquistar o progresso brasileiro, envolvendo-se em campanhas tal como para exploração do ferro e petróleo, questionamos se Lobato não poderia ser considerado um desenvolvimentista.

Desta forma, uma das questões levantadas no presente artigo refere-se à maneira como Lobato conciliou este seu desejo pelo desenvolvimento brasileiro com a questão ambiental, tão presente em seus escritos. Qual fator predominava? Lobato defenderia um progresso construído às custas da exploração e destruição do meio ambiente? Há preocupação com o uso consciente dos chamados recursos naturais?

Como se pôde concluir a partir do contato com a biografia de Monteiro Lobato, bem como das questões das quais se tornou porta-voz e defensor, Lobato era um homem preocupado com o desenvolvimento de seu país, e lutou por isso durante toda sua vida. Os

Estados Unidos, dado seu grande progresso, era para o escritor um modelo de civilização a ser perseguido, como relata Sandroni (2002) em *Minhas Memórias de Lobato*.

Duas das principais campanhas nas quais Lobato se envolveu são as relativas a exploração do ferro e petróleo nacionais. Dedicou algumas de suas obras para difundir e defender suas idéias, entre elas *O Escândalo do Petróleo* (1956i), *Ferro* (1956i) e *O Poço do Visconde* ([19--]a), na qual apresenta a questão em uma linguagem e compreensão dedicadas ao público infantil.

Como declara em *Pelo Triangulo Mineiro*, de *Miscelânea*, a exploração do petróleo e do ferro brasileiros seria a solução para todos os problemas materiais:

Ora, havendo já o homem realizado tão assombrosos prodígios, nem chega a ser sonho esta campanha do petróleo em que vivemos empenhados – tão fácil, tão rasteira é a tarefa de dar ao Brasil o combustível mágico, alma da civilização moderna, já que solve todos os problemas materiais da vida, na sua aliança com o ferro sob forma de máquina. (LOBATO, M., 1956g, p.179)

É no excerto selecionado de *De São Paulo a Cuiabá*, da mesma obra, que o questionamento a respeito da conciliação entre desenvolvimento econômico e meio ambiente salta aos olhos de maneira mais clara:

Pantanal! Pantanal! Pantanal! Será que não tem fim aquele pantanal? De tudo quanto vemos de cima, a coisa única que a distancia não apequena é o pantanal. Serras e rios, cidades e fazendas ficam insignificantes – mas o pantanal impõe-se como terrivelmente grande.

[...]

Hoje, a região imensa é um deserto que ainda desafia a fraqueza do homem. Mas tudo parece mostrar que aquele deserto verde está sobre um mar de petróleo. O ouro aluvial existente por cima da terra atraiu os primeiros povoadores. A extração da borracha, em seguida, prosseguiu na obra de devassamento e povoamento. Coisinhas mínimas. Insignificâncias. Para vencer aquele mundo, só uma força ingente, só a maior de todas – petróleo. Mas petróleo tirado de lá – não comprado fora. (LOBATO, M., 1956g, p.248-249)

Curiosamente, Lobato afirma a existência de petróleo no Pantanal, região esta que segundo o autor “é um deserto que ainda desafia a fraqueza do homem”. Apenas o petróleo poderia “vencer aquele mundo”, cuja exploração do ouro e a extração da borracha haviam proporcionado insignificantes povoamento e devassamento.

Interessante como, diante de uma paisagem “que se impõe como terrivelmente grande”, de extrema importância natural, Lobato visualiza o potencial de desenvolvimento pela

exploração do recurso do qual se tornou porta-voz, não apontando nenhuma ponderação sobre a questão ambiental.

Este mesmo incentivo à exploração dos recursos naturais pode ser observado em outras obras, ocorrendo na maioria das vezes em prol do progresso, da liberdade econômica e do desenvolvimento brasileiros.

Na obra *Em Uberaba*, do livro *Conferências, Artigos e Crônicas* (1959) Lobato expõe a riqueza potencial que o país possui, mas que, segundo ele, não representa riqueza se não for explorada:

O curioso, entretanto, é que realmente possuímos imensas riquezas potenciais. Riqueza potencial quer dizer riqueza de exploração possível, mas ainda não realizada.

Possuímos uma das maiores reservas de minério de ferro do mundo – e ótimo. Possuímos tremendas jazidas de níquel, de cobre e de cem outros minerais. Mas de que vale isso, se as não exploramos? Potencialidade de riqueza não é riqueza. Possibilidade de riqueza não é riqueza – e ninguém vive de possibilidades. (LOBATO, 1959, p.19)

Os excertos selecionados possibilitaram identificar, no tocante à questão que atualmente denominamos desenvolvimentista, que se tratando do desenvolvimento brasileiro, sua independência econômica e sua ascensão dentre os demais países, Lobato dedicar-se-ia a uma empreitada de exploração dos recursos naturais sem muita preocupação com os impactos ambientais que ela causaria; se esta preocupação houve, vinculada ao plano de desenvolvimento econômico de Lobato, não foi identificada por meio das obras analisadas.

No entanto, há referências de que Lobato não cultivaria uma crença cega no progresso humano. No VII capítulo de *O Presidente Negro* (1956b), *Futuro e Presente*, ao serem vislumbradas algumas visões sobre o futuro proporcionadas pelo “porviroscópio”, há a defesa da idéia que apresento a seguir, de que é possível entrever a não-garantia de benefício para a humanidade das invenções, em decorrência dos “rumos tomados”:

- Deve miss Jane ter observado coisas maravilhosas!...

- Menos maravilhosas do que desnorteantes para as nossas ideias atuais. As invenções vão sobrevivendo no decurso do tempo, umas saídas das outras, e as coisas tomam às vezes rumo muito diverso do que a lógica, com ponto de partida no estado atual, nos faria prever. (LOBATO, M., 1956b, p.176)

Ressaltamos que, dentre outras questões, o progresso na obra lobatiana merece maior análise e aprofundamento, pois a partir das referências de Gênova (2008) pode-se concluir que se trata de uma questão complexa e ambígua na obra do autor.

Diante do que foi aqui apresentado, questiona-se se, em alguns momentos, o pensamento lobatiano não poderia ser aproximado de alguns aspectos da ideologia nacional-desenvolvimentista. Dentre outros pontos aos quais se pode relacioná-lo:

A proposta desenvolvimentista assenta-se na crença de que o subdesenvolvimento é o grande problema da nação, do qual derivam os demais, e na convicção de que ele pode ser superado através do empenho e união de todos os setores sociais interessados na eliminação da dominação externa, por um lado, e, por outro, pela modificação da estrutura econômico-social do país, visando alcançar melhores condições de vida para todos os brasileiros.

A causa do atraso, por sua vez, residiria na existência de uma estrutura econômica ainda colonial, porque centrada na produção e exportação de produtos primários e na importação de artigos industrializados. A dependência em relação aos países desenvolvidos era vista como um fato total, isto é, não só econômico, mas cultural no sentido mais amplo. Para superar tal situação, a industrialização era apresentada como a única alternativa viável dentro das condições objetivas existentes naquele momento histórico. Mesmo porque se julgava haver uma relação necessária entre dependência/economia agro-exportadora e desenvolvimento autônomo/industrialização. [...] (RODRIGO, 1988, p.34)

O Brasil Nacional-Desenvolvimentista tem seu período delimitado por Cruz ([200-]) e pelo Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR)<sup>3</sup> entre os anos 1946-1964. Partindo-se deste dado, e considerado que Monteiro Lobato viveu até abril de 1948, questionamo-nos se, apesar de vivenciar uma parte deste período (de 1946 a 1948), Lobato não poderia ser considerado um precursor do nacional-desenvolvimentismo, já que, como apresentamos nesta pesquisa, suas idéias nacionalistas e a defesa pelo desenvolvimento brasileiro antecedem o ano de 1946.

## 6. Considerações finais

A partir do *corpus documental* analisado, pode-se verificar a predominância de duas concepções de natureza opostas nas obras de Monteiro Lobato: concepção romântica e concepção utilitarista da natureza.

A partir dos dados coletados infere-se, portanto, que no tocante às concepções de natureza, bem como da relação sociedade-natureza identificadas no pensamento lobatiano, coexistem idéias contraditórias, marcadas ou pela supervalorização dos elementos naturais não-humanos, excluindo o homem da natureza a qual também pertence ou reconhecendo os

---

<sup>3</sup> Grupo criado em 1986, com sede na Faculdade de Educação da UNICAMP.

elementos naturais como fonte de recursos a serem explorados. Desta contradição, a concepção utilitarista parece predominar quando a questão volta-se para o desenvolvimento brasileiro.

Convivem no pensamento lobatiano não apenas contradições entre a natureza perfeita que deve permanecer sem a interferência humana e a natureza em que se identificam recursos a serem explorados e que se deve dominar, mas também outras ambigüidades: em determinados momentos a inteligência humana é apontada como doença, responsável pelo afastamento do homem do meio natural; em outros, é esta inteligência quem possibilitará o progresso humano, visto positivamente. Esta mesma inteligência valorizada, em outros momentos ainda, será inferior em comparação ao instinto. Igualmente, o progresso ora será almejado e buscado pelo ser humano, ora conterà dúvidas a respeito da sua garantia de benefício para o homem.

É importante acentuar que as obras de Monteiro Lobato tiveram no passado, e ainda o tem em nosso tempo presente, um grande número de leitores. É consenso que seus livros influenciaram gerações, e continuarão desta forma, dada a importância do escritor para a literatura brasileira. Partindo-se, então, novamente da afirmação de que a concepção de natureza é culturalmente instituída, e que as relações sociedade-natureza constroem-se a partir desta concepção, atenta-se para as seguintes reflexões: os posicionamentos de Monteiro Lobato veiculados em suas obras a respeito da temática aqui estudada, refletem, de certa forma, as concepções hegemônicas no período histórico em que viveu e produziu suas obras; da mesma forma, podemos dizer que as concepções de natureza e de relação sociedade-natureza expressas em suas obras, influenciaram e continuarão influenciando a constituição destas concepções também em seus leitores, e sua forma de posicionar-se perante o mundo.

## **REFERÊNCIAS**

ARGENTON, E. C.; CAVALARI, R. M. F. Concepções de natureza entre os professores de Ciências do 3º e 4º Ciclos do Ensino Fundamental. *Educação: Teoria e Prática*, Rio Claro, v.9, n. 16, 2001. CD-ROM.

AZEVEDO, C. L. de; CAMARGOS, M. M. R.; SACCHETTA, V. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. 3. ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.

BORNHEIM, G. A Temática Ambiental na Sociedade Contemporânea. *Educação: Teoria e Prática*, Rio Claro, v. 9, n.16/17, p. 1-9, jan./dez. 2001.

\_\_\_\_\_. G. Filosofia e Política Ecológica. *Revista Filosófica Brasileira*, [S.l.], v.1, n.2, p.16-24, 1985.

CARVALHO, F. P. A natureza no regionalismo pré-modernista. In: *A representação da natureza no regionalismo pré-modernista*. 1994. 114 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CARVALHO, I. C. M. A tradição como horizonte de significação do ambiental. In: *A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 35- 67.

\_\_\_\_\_. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez, 2004.

CAVALARI, R. M. F. As concepções de Natureza no Ideário Educacional no Brasil nas décadas de 1920 e 1930. (V. Congresso Europeu CEISAL de Latinoamericanistas, Bruxelas, abr. 2007). Disponível em: [www.reseau-amerique-latine.fr/ceisal-bruxelles/CyT-MA/CyT-MA-2-CAVALARI.pdf](http://www.reseau-amerique-latine.fr/ceisal-bruxelles/CyT-MA/CyT-MA-2-CAVALARI.pdf). Acesso em: 21 mar. 2009.

CAVALARI, R. M. F.; CAMPOS, M. J. O.; CARVALHO, L. M. Educação Ambiental e materiais impressos no Brasil: a relação homem-natureza. *Educação: Teoria e Prática*, Rio Claro, v.9, n. 16, 2001. CD-ROM.

CAVALHEIRO, C. Vida e Obra de Monteiro Lobato. In: LOBATO, M. *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 1966. p. [3-59]. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 1).

CRUPI, M. C. *A natureza nos livros didáticos de História: uma investigação a partir do PNLD*. 2008. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

CRUZ, M.V. Brasil Nacional-Desenvolvimentista (1946-1964). [S.l.], [200-]. p.01-12. (Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil). Disponível em:[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos\\_frames/artigo\\_83.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_83.html). Acesso em: 27 abr. 2009.

DANTAS, P. Monteiro Lobato, painel 100. In: DANTAS, P. (Org.). *Vozes do tempo de Lobato*. [S.l]: Traço, 1982. p. 11-44.

DUARTE, R. H. *História & Natureza*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. (História &...reflexões, 9)

FENSTERSEIFER, C. *Lições de natureza no Sítio do Picapau Amarelo*. 2005. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GÊNOVA, M. de. O picapau amarelo: o espaço ideal e a obra-prima. In: LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. (Org.). *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. São Paulo: Ed. UNESP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008. Cap.24, p. 409-423.

GODOY, M. O significado da natureza na obra ficcional “A reforma da natureza” de Monteiro Lobato. *Educação: Teoria e Prática*, Rio Claro, v.9, n. 16, 2001. CD-ROM.

GONÇALVES, C. W. P. *Os (des) caminhos do meio ambiente*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

LOBATO, M. *A Barca de Gleyre*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956a. Tomo 2. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 12).

\_\_\_\_\_. *A Onda Verde e O Presidente Negro*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956b. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 5).

\_\_\_\_\_. *A reforma da natureza*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1967.

\_\_\_\_\_. *América*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956c. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 9).

\_\_\_\_\_. *Cidades Mortas*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956d. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 2).

\_\_\_\_\_. *Conferências, Artigos e Crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1959. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 15).

\_\_\_\_\_. *Histórias Diversas*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense; [Brasília] : INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1982.

\_\_\_\_\_. *Idéias de Jeca Tatu*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956e. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 4).

\_\_\_\_\_. *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956f. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 7).

\_\_\_\_\_. *Mundo da Lua e Miscelânea*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956g. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 10).

\_\_\_\_\_. *Negrinha*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956h. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 3).

\_\_\_\_\_. *O Escândalo do Petróleo e Ferro*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956i. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 7).

\_\_\_\_\_. *O Poço do Visconde*. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, [19--]a. (Obra Infantil Completa, v.4).

\_\_\_\_\_. *O saci*. São Paulo: Brasiliense, [19--]b. (Obra Infantil Completa, v.2).

\_\_\_\_\_. *Reinações de Narizinho*. 48. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

\_\_\_\_\_. *Serões de Dona Benta*. São Paulo: Brasiliense, [19--]c. (Obra Infantil Completa, v.8).

\_\_\_\_\_. *Urupês*. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1966. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 1).

MARINHO, J. C. Conversando de Lobato. In: DANTAS, P. (Org.). *Vozes do tempo de Lobato*. [S.l]: Traço, 1982. p. 181-194.

MERZ, H. J. V. Nota explicativa. In: LOBATO, M. *Lobatiana: meio ambiente*. São Paulo: Brasiliense, [19--]. Seleção de texto, pesquisa bibliográfica por Hilda Junqueira Vilela Merz.

RODRIGO, L. M. A questão da ideologização da ciência e a ideologia nacional-desenvolvimentista. In: *O nacionalismo no pensamento filosófico: Aventuras e desventuras da Filosofia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1988, p.21-41.

SANDRONI, L. *Minhas memórias de Lobato, contadas por Emília, Marquesa de Rabicó, e pelo Visconde de Sabugosa*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002. (Literatura em minha casa, 3)

THOMAS, K. O dilema humano. In: *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001a. p.288-355.